

QUAL SERIA A IDADE PARA O ÁRBITRO ENTRA NO QUADRO DE ARBITRAGEM DA CBF?

ALBERTO INÁCIO DA SILVA*
MAURO RICETTI PAES#

Universidade Estadual de Maringá – Campus Ivaiporã, Paraná - Brasil*
Programa de Pós-Graduação da UFPR– Mestrado em Fisiologia, Paraná - Brasil#
albertoinacio@bol.com.br

Introdução

Mais uma vez o futebol brasileiro, mais especificamente a arbitragem, vem sofrendo com as decisões, equivocadas dos seus dirigentes. Recentemente foi vinculado na imprensa nacional que por determinação da Comissão de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a idade máxima para o árbitro entra para o quadro nacional, seria reduzida de 35 para 30 anos. Obviamente compõem a comissão de arbitragem, diversos profissionais formados nas mais diversas áreas, contudo nenhuma fundamentação científica ou mesmo teórica foi apresentada para dar suporte a tal mudança. Esta se de fato vier a ocorrer irá, sem dúvida, prejudicar e frustrar inúmeros indivíduos que escolheram seguir a carreira de árbitro e, que pretendiam, algum dia, adentrar ao quadro de árbitro da entidade maior do futebol brasileiro.

Em um estudo publicado recentemente foi observado que o árbitro passa a maior parte do tempo andando durante a partida. Constatou-se que dos 90 minutos de jogo, ele andou 52% do tempo total da partida (Da SILVA et al. 2008). Em outro estudo envolvendo árbitros dinamarqueses, Krusturp e Bangsbo, (2001) relataram que o árbitro permanecia a maior parte do tempo de jogo andando, e isso correspondeu a 40%.

A segunda ação motora mais utilizada pelos árbitros é o trote (corrida suave). O tempo gasto pelos árbitros brasileiros correspondeu a 19% do jogo (Da SILVA et al. 2008). Já Rebelo et al. (2002), descreveram um percentual de 25,9% nessa ação motora para árbitros portugueses.

Uma ação motora que apresenta velocidade que é superior ao deslocamento andando, mas é menor que o deslocamento na forma de trote, é o deslocamento de costas. Quando somamos o tempo dessas três ações motoras (andando, trotando e movimentando-se de costas) verificamos que o árbitro permanece nessas ações em média mais de 77% do tempo de jogo (Da Silva et al. 2008). Nos estudos publicados em diferentes países encontramos valores que variam de 60 a 90% do tempo total do jogo (KRUSTURP e BANGSBO, 2001; REBELO et al. 2002).

Para Rebelo et al. (2002) o árbitro de futebol gasta mais de 60% do tempo de jogo em atividades físicas de baixa intensidade, isto é, andar, trotar e deslocar-se de costas. Contudo, esses autores não consideraram o tempo que os árbitros permanecem parados durante o jogo. Quando somamos esse tempo com o tempo que o árbitro executa as atividades de baixa intensidade verificamos que, no caso dos árbitros aqui estudados, isso passa a representar 93% do tempo total de jogo.

Corridas de velocidade alta e moderada intensidade são muito pouco executadas pelo árbitro de futebol. Nosso estudo mais recente revelou que isso não passou de 7% do tempo total da partida (Da SILVA et al. 2008). Na literatura científica o tempo médio nessas formas de deslocamento varia de 4 a 19% do tempo de jogo (KRUSTURP e BANGSBO, 2001; REBELO et al. 2002).

Discussão sobre a idade do árbitro

Castagna et al. (2005) desenvolveram um estudos com árbitros italianos intitulado “Efeitos relacionados com a idade e aptidão física no desempenho dos árbitros da elite do futebol”. De acordo com estes autores, os árbitros da elite do futebol costumam atingir o pico

da sua carreira oficial com idade média consideravelmente mais velha do que à observada em correspondência com futebolistas competitivos. A diferença em relação à média de idade dos jogadores e árbitros pode existir porque a experiência é considerada entre os órgãos diretivos da arbitragem internacional, como: Federação Internationale de Football Association (FIFA), e a União Européenne de Football Association (UEFA) pré-requisito fundamental para se adentrar a elite da arbitragem (EISSMANN e D'HOOGHE, 2006).

Diferente dos jogadores, que por volta dos 18 a 20 anos se tornam profissionais, os árbitros normalmente estão começando suas carreiras, sem entender muito bem a dinâmica da arbitragem. Portanto, a elite dos árbitros brasileiros de futebol atinge o ápice de sua carreira, acima dos 40 anos de idade. Dados provenientes da Copa do Mundo de 2002 demonstraram que a idade dos árbitros de futebol que arbitraram a partir das quartas de final da copa do mundo, foi de 41 ± 4 anos (CASTAGNA et al. 2005). Desta forma, partindo de informações científicas que afirmaram que o envelhecimento tem sido relatado com fator negativo ao desempenho físico, estudo foi efetuado para responder a questão de qual o efeito do envelhecimento sobre o desempenho físico dos árbitros da elite do futebol da Inglaterra. Para testar a probabilidade de variações relacionadas com a idade de aptidão e desempenho, os árbitros no estudo de Castagna et al. (2005) foram subdivididos em 3 grupos separados por idade: jovens (Y, 31-35 anos, n=10), médio (A, 36-39 anos, n=14), e antigos (O, 40-45 ano, n=12). O teste físico aplicado foi o da bateria de testes da FIFA, utilizada até o ano de 2006, que em suma era composta por uma corrida aeróbica (corrida de 12 minutos, teste de Cooper) e duas corridas anaeróbicas (dois piques de 50m e 200m).

Após análise dos resultados, os autores concluíram que as distâncias percorridas pelos três grupos durante o teste de Cooper, não apresentavam diferenças estatisticamente significativas entre eles ($p > 0,05$), ou seja, a performance dos grupos foi similar. Como já descrito anteriormente, a atividade física do árbitro durante a partida é predominantemente aeróbica, assim sendo, por esta variável não poderíamos desqualificar os árbitros mais velhos para adentrarem o quadro da CBF. Apesar de não ter havido diferenças nos resultados do teste de resistência aeróbica entre os grupos de diferentes faixas etárias, Castagna et al. (2005) afirmaram que após análise regressiva dos dados obtidos há uma tendência significativa, relacionando idade e decréscimo no desempenho aeróbico. Este resultado apóia a idéia de que através do treinamento físico regular, as diferenças relacionadas com a idade no desempenho físico podem ser reduzidas (Rogers et al. 1990).

Com relação aos testes anaeróbicos não foram encontradas diferenças significativas entre os três grupos no teste de 50m sprint ($p > 0,05$). Foram encontradas diferenças no teste de resistência a velocidade (200 metros) entre os grupos O e Y ($p < 0,05$; $30,73 \pm 1,36$ e $28,95 \pm 1,36$ segundos, respectivamente), mas com o tempo médio obtido por ambos os grupos, estes estariam aprovados pelo índice nesta prova estabelecido pela FIFA, que era de 32 segundos. Esses achados sugerem uma maior atenção na implementação do treinamento anaeróbico, com o avanço da idade na elite dos árbitros de futebol. No entanto, experientes árbitros da elite do futebol podem superar a sua falta de aptidão anaeróbica por serem mais seletivos em relação a atividades de alta intensidade utilizadas durante a partida, ou seja, a experiência adquirida em anos de arbitragem propicia aos árbitros mais antigos verificarem com antecedência aquelas jogadas que vão dar em nada, portanto, sem a necessidade que o mesmo se desloque até o local onde as mesmas estão ocorrendo.

Segundo Weston et al. (2008) os órgãos administrativos internacionais de arbitragem têm uma idade obrigatória para aposentadoria (compulsória) de 45 anos para árbitros. Porém, em alguns países essa aposentadoria compulsória foi questionada de forma bem sucedida, mesmo considerando que isso vai contra a Diretiva Européia de Emprego, que proíbe discriminação em relação à idade no emprego. Portanto, a relação entre a idade e o desempenho físico durante a partida tem que ainda ser examinada. Weston et al. (2008) objetivaram investigar: (1) o efeito da idade no desempenho físico dos árbitros nas partidas de futebol em relação à distância das infrações e da bola durante quatro temporadas consecutivas

e; (2) examinar o efeito da idade na carga fisiológica imposta aos árbitros de futebol durante partidas competitivas. Para o desenvolvimento desta investigação os pesquisadores realizaram 778 observações de partidas. Os árbitros foram distribuídos em três categorias de faixa etária diferentes: jovem (31- 36 anos, n = 135 observações de partida), intermediário (37- 42 anos, n = 308 observações de partida) e, mais velhos (43 - 48 anos, n = 335 observações de partida).

Porém, como a idade de aposentadoria na Primeira Liga Inglesa é de 48 anos, em oposição aos 45 anos nas ligas italianas, espanholas, brasileira, etc., a média de idade dos grupos no presente estudo foi mais alta do que as previamente relatadas. As variáveis envolvendo as ações motoras dos árbitros mensuradas durante a partida foram: (1) distância total percorrida (TD); (2) distância de corrida de intensidade alta (velocidade de corrida > 5.5 m s⁻¹ (>19.8 km h⁻¹), HIR); (3) contagem de corrida de curta distância (velocidade de corrida >7.0 ms⁻¹ (> 25.2 km h⁻¹), SC); (4) velocidade máxima de corrida de curta distância (m s⁻¹, TS); (5) distância média da bola (m, DB); (6) distância média das infrações (m, DF). Após agrupamento e análise dos dados Weston e colaboradores (2008), relatam efeitos significativos de idade para TD (r = -0.52, p<0.001), HIR (r = -0.53, p<0.001) e SC (r = -0.53, p<0.001). Nenhum efeito de idade foi encontrado para DB e DF (p>0.05). Apesar de percorrer (cobrir) menos TD, HIR e realizar menos corridas de curta distância, os árbitros mais velhos (43 – 48 anos) conseguiram manter uma distância média das infrações que era comparável às registradas pelos árbitros jovens (31 – 36 anos). Portanto, o desempenho físico reduzido associado com a idade crescente do árbitro não parece causar impacto na habilidade dos árbitros mais velhos de manter o ritmo de jogo. Levando em conta estes resultados, os corpos administrativos de arbitragem podem desejar revisar as diretrizes de aposentadoria que se baseiam na idade dos árbitros. Segundo Weston et al. (2008), nenhuma correlação foi observada entre a idade e a DB e DF dos árbitros. Assim sendo, o desempenho físico reduzido dos árbitros mais velhos não afetou a habilidade deles de manter o ritmo de jogo. Como resultado, foi possível observar a eficácia dos árbitros em garantir as melhores posições possíveis para ver as situações de jogo de maior relevância. A literatura específica aponta que os peritos são melhores que os novatos para usar dicas visuais para guiar suas respostas antecipadas (ABERNETHY, 1987; WILLIAMS e BURWITZ, 1993). Portanto, os resultados encontrados neste estudo são melhores explicados pelos árbitros mais velhos, mais experientes e mais perspicazes ao anteciparem e lerem o jogo e no final das contas sendo mais econômicos com os movimentos devido aos muitos anos de prática.

A polêmica sobre a participação de árbitros mais experientes em partidas de alto nível, também levou alguns pesquisadores espanhóis a investigarem sobre o assunto (CASAJUS e CASTAGNA, 2006). Estes estudiosos traçaram como objetivo principal examinar a aptidão física dos árbitros espanhóis de elite em relação à idade. Para testar a probabilidade de variações relacionadas à idade quanto ao desempenho de aptidão física, os árbitros foram agrupados em três categorias de faixa etária: jovem (Y, 27 – 32 anos n = 15), idade média (A, 33 – 38 anos, n = 17) e velhos (O, 39 – 45 anos, n = 13). Estes autores usaram a mesma classificação de Castagna et al. 2005, artigo este já discutido acima. É importante destacar que a amplitude de idade considerada para o grupo O foi escolhida, porque a Associação de Árbitros de Futebol espanhola (CTA) considera “39 anos” a idade limite para o árbitro adquirir acesso ou aspirar ser árbitro de futebol de nível de elite. Na Inglaterra, onde está a grande parte dos clubes mais ricos do mundo, os árbitros podem atuar até os 48 anos de idade e onde está também sendo contestado a saída dos mesmos ao completarem 45 de idade das maiores entidades do futebol mundial FIFA e UEFA. Na Espanha, onde os clubes são administrados por dirigentes altamente profissionais, onde desfilam boa parte dos melhores atletas do futebol mundial, a idade para o árbitro poder adentrar ao grupo seleto de árbitros de elite é de 39 anos.

A bateria de teste utilizada para o desenvolvimento deste estudo espanhol foi a da FIFA utilizava até o ano de 2006, composta por duas corridas de 50 m e 200 m e, uma corrida de 12 minutos (teste de Cooper). Casajus e Castagna, (2006), também determinaram em laboratório o VO_{2max} e o limite de respiração (ventilação) (VT). Estas medidas de aptidão aeróbia foram

realizadas pelos autores, porque prévios estudos mostraram claramente que a velocidade, em determinados limites de lactato selecionados e VO_{2max} estão associados com o desempenho físico no jogo em árbitros de futebol de nível de elite (CASTAGNA et al. 2002a e 2002b).

Casajus e Castagna, (2006) observaram em seu estudo que os árbitros no grupo O eram significativamente mais lentos na corrida de curta distância (50m) quando comparados com os do grupo Y. Na realidade, o desempenho na corrida de curta distância (50m) foi previamente relatado como não estando relacionado significativamente com o desempenho físico no jogo (CASTAGNA et al. 2002b). Em contra partida, nenhum efeito significativo da idade ficou evidente para o desempenho nas corridas de 200 m e 12 minutos ($p>0.05$). No estudo de Castagna et al. (2005), não ocorreu diferença entre os grupos de árbitros quando da aplicação do teste de 50 metros. Contudo, relataram diferenças quando comparado às faixas etárias no teste de 200 metros. Desta forma fica evidenciado que apesar do contraste entre os resultados, os árbitros com mais idade se apresentam aptos para arbitrar jogos dos campeonatos da primeira divisão, em qualquer país.

Com relação aos resultados obtidos no laboratório, tanto o VO_{2max} relativo quanto o absoluto não era significativamente diferente nos grupos de idade ($p>0,05$). Os resultados deste estudo mostraram que havia diferenças relacionadas à idade em componentes selecionados de aptidão física neste grupo de árbitros de futebol de nível de elite. Mais especificamente, tanto a corrida de curta distância máxima anaeróbia (50 m de corrida de curta distância) quanto às medidas aeróbias sub-máximas (VT) foram significativamente melhores nos árbitros mais jovens quando comparadas com às de seus colegas mais velhos (CASAJUS e CASTAGNA, 2006). Porém, tanto o VO_{2max} quanto o teste de 12 minutos, as variáveis que foram previamente mostradas como relacionadas fortemente com o desempenho na corrida durante o jogo (CASTAGNA e D'OTTAVIO, 2001; CASTAGNA et al. 2002b) não mostraram nenhuma diferença significativa entre as faixas etárias. Estas descobertas sugerem que os árbitros mais velhos possuem desempenhos aeróbios semelhantes aos mostrados pelos seus colegas mais jovens. É possível que o histórico de treinamento regular de alta intensidade neste grupo de árbitros mais velhos de nível de elite pode ter evitado ou diminuído o declínio antecipado em VO_{2max} que é comum em uma população não-elite (ROGNMO et al. 2004)

Krustrup e Bangsbo, (2001) relataram que árbitros de alta classe, mais velhos (idade 40 – 46 anos), não têm maior dificuldade em manter o ritmo do jogo quando comparados com seus colegas mais jovens (idade 29 – 34 e 35 – 39 anos). Provavelmente, os resultados obtidos na corrida de 12 minutos e os níveis de VO_{2max} semelhantes aos encontrados nos colegas mais jovens possam compensar o desempenho inferior relatado em VT.

Casajus e Castagna, (2006) concluem que a partir de seus resultados que os árbitros de nível de elite mais velhos podem limitar os decréscimos esperados no desempenho relacionados à idade, tanto aeróbio quanto anaeróbio normalmente relatado para pessoas sedentárias. Adicionalmente, eles mostraram que árbitros mais velhos podem manter níveis de aptidão física que foram sugeridos como apropriados para suportar as exigências da partida (CASTAGNA et al. 2002b; WESTON et al. 2004).

Conclusão

A partir dos estudos apresentados, não haveria fundamentos científicos para se utilizar como barreira limitante a idade do árbitro para este compor a elite da arbitragem brasileira, principalmente na faixa etária dos 30 anos. A justificativa de que a preparação física dos atletas melhorou e os jogos ficaram mais competitivos não sustenta a tese para se alterar a faixa etária dos árbitros ascenderem ao quadro da CBF, já que da mesma forma que ocorreram inovações na preparação física dos jogadores, também houve inovações na preparação física dos árbitros de futebol, permitindo inclusive que se discuta a permanência por um período maior dos árbitros nos quadros das maiores entidades do futebol mundial, tendo em vista que as experiências adquiridas pelos árbitros ao longo de sua carreira são de fundamental importância para aplicação correta das regras do futebol. Quando se treina árbitros, é

importante não perder o principal objetivo de vista, que é melhorar o desempenho no jogo (WESTON et al. 2004; Da SILVA, 2005). Não adianta melhorar os níveis de preparo físico se não melhorar o desempenho no jogo. Foi demonstrado anteriormente que o treinamento intermitente intenso não só melhora os níveis de preparo físico nos árbitros de futebol, mas essa melhoria na forma física é concomitante com uma melhoria no desempenho no jogo. A distância das infrações não aumentou na última fase do jogo como foi observado antes de um treinamento intermitente. Juntas, essas descobertas podem melhorar seu desempenho físico durante os jogos realizando exercício regular intermitente de alta intensidade (KRUSTRUP e BANGSBO, 2001).

Bibliografia

- ABERNETHY, B. Anticipation in sport: a review. *Phys Ed Rev.* 1987;10:5–16.
- CASTAGNA, C. D'OTTAVIO, S. Effect of maximal aerobic power on match performance in elite soccer referees. *J. Strength Cond. Res.* 15(4):420-425, 2001.
- CASTAGNA, C. ABT, G. D'OTTAVIO, S. The relationship between selected blood lactate thresholds and match performance in elite soccer referees. *J. Strength Cond. Res.* 16:623–627. 2002a.
- CASTAGNA, C. ABT, G. D'OTTAVIO, S. Relation between fitness tests and match performance in elite Italian soccer referees. *J Strength Cond Res.* 16(2):231 - 235, 2002b.
- CASTAGNA, C. G. ABT, S. D'OTTAVIO, G. Activity profile of international-level Soccer referees during competitive matches. *J. Strength Cond. Res.* 18(3), 486–490, 2004.
- CASTAGNA, C. ABT, G. D'OTTAVIO, S. WESTON, M. Age-related effects on fitness performance in elite-level soccer referees. *Journal of Strength and Conditioning Research.* 19(4), 785–790, 2005.
- CASAJUS, J. A. CASTAGNA, C. Aerobic and field test performance in elite Spanish soccer referees of different ages. *Journal Sciences and Medicine in Sport.* Inglaterra, 10 (6):382-389, 2006.
- Da SILVA, A. I. FERNANDES, L. C. FERNANDEZ, R. Energy expenditure and intensity of physical activity in soccer referees during match-play. *Journal of Sports Science and Medicine.* 7: 327-34, 2008.
- DA SILVA, A. I. Bases científicas e metodológicas para o treinamento do árbitro de futebol. Curitiba: Imprensa da UFPR, 2005.
- HELSEN, W. BULTYNCK, J. B. Physical and perceptual-cognitive demands of top-class refereeing in association football. *Journal of Sports Sciences.* 22, 179-189, 2004.
- EISSMANN, H.J. D'HOOGHE, M. Sports medical examinations. In: *The 23rd Man: Sports Medical Advice for Football Referees.* H.J. Eissmann, ed. Leipzig: Gersone-Druck, 7–19, 1996.
- KRUSTRUP, P. BANGSBO, J. Physiological demands of top-class soccer refereeing in relation to physical capacity: effect of intense intermittent exercise training. *Journal of Sports Sciences.* 19: 881-891, 2001.
- REBELO, A. SILVA, S. PEREIRA, N. SOARES, J. Stress físico do árbitro de futebol no jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto.* Portugal. Universidade do Porto. v. 2, nº 5 p.24-30, 2002.
- ROGERS, M. A. HAGBERG, J.M. MARTIN, W.H. ESHANI, N.A. Decline in VO_2 max with ageing in masters athletes and sedentary men. *J. Appl. Physiol.* 68:2195–2199. 1990.
- ROGMO, O. HETLAND, E. HELGERUD, J. High intensity aerobic interval exercise is superior to moderate intensity exercise for increasing aerobic capacity in patients with coronary artery disease. *Eur J Cardiovasc Prev Rehabil.* 11(3):216—22, 2004.
- WESTON, M. HELSEN, W. MACMAHON, C. KIRKENDALL, D. The impact of specific high-intensity training sessions on Football Referees' fitness levels. *Am J Sport Med.* 32(1 Suppl.):54s–61s, 2004.

WESTON, M. CASTAGNA, C. IMPELLIZZERI, F. M. RAMPININI, E. BREIVIK, S. Ageing and physical match performance in English Premier League soccer referees. *Journal of Science and Medicine in Sport*. doi:[10.1016/j.jsams.2008.07.009](https://doi.org/10.1016/j.jsams.2008.07.009)

WILLIAMS, A. M. BURWITZ, L. Advance cue utilisation in soccer. In: Reilly T, Clarys J. J., Stibbe A, editors. *Science and football II*. London: E & FN Spon; 239–43, 1993.

Alberto Inácio da Silva
Rua: Santa Mariana, 35 – Bairro Guanabara I
CEP: 86780-000 – Ivaiporã, Paraná – Brasil
albertoinacio@bol.com.br